

A relação entre teoria e método – observações a partir da sociologia da educação de Bourdieu e Passeron

Marco Antônio de Oliveira Lima¹

Introdução

As teorias sociológicas agem como uma lente pela qual visamos apreender a realidade social. Elas dão sentido as situações com as quais nos deparamos empiricamente, e por esse motivo são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa sociológica. Uma teoria nos indica que elementos, fenômenos ou objetos tem maior relevância para a compreensão da realidade social, e com isso direcionam nosso olhar. Isso implica, necessariamente, que uma teoria tenha sempre uma relação direta com a metodologia utilizada em uma pesquisa – nem todas as formas de coletar ou interpretar dados permitem ao pesquisador o foco nos elementos sugeridos pela teoria. Isso pode ser sumarizado em um comentário de Ortiz, referindo-se a microsociologia interacionista:

(...) posto que para [Erving] Goffman o fenômeno social se identifica a uma peça teatral, toda observação se dá necessariamente em escala reduzida, o que confina a análise aos limites concretos de uma fábrica, um prédio etc. A compreensão da realidade como teatro pressupõe um princípio epistemológico idêntico à observação antropológica: o observador possui a mesma dimensão que a sociedade observada. (ORTIZ, 1994, p. 20)

Este trabalho visa a discutir acerca da relevância desta relação entre a teoria e o método a partir de trabalhos em sociologia da educação amparados no corpo teórico elaborado por Pierre Bourdieu em colaboração com Jean-Claude Passeron. Assim, primeiramente explanaremos, de forma sucinta, a teoria da reprodução, que vê no sistema de ensino uma ferramenta que não só mantém as desigualdades sociais, como também as legitima. Depois, discutiremos alguns dos trabalhos brasileiros realizados nas últimas décadas, sobretudo em relação ao método pelo qual incorporaram esta teoria e buscaram interpretar a realidade social, muitas vezes de maneira não condizente com os pressupostos teóricos elencados pelos autores.

¹ Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas; orientador: Prof. Pedro Robertt; email: colntrax@gmail.com

A teoria da reprodução

Segundo Bourdieu e Passeron (2013), o sistema de ensino tende a colaborar na manutenção da estrutura das relações sociais, ou seja, reproduzir as hierarquias sociais que organizam as classes no espaço social. A explicação para esta reprodução se encontra no fato de que as crianças oriundas de famílias posicionadas em pontos diferentes do espaço social têm diferentes quantidades de capital cultural, além de um *habitus* diferente, o que lhes confere maneiras diferentes de lidar com a cultura. Crianças das classes altas, tendo desde o berço tido acesso à cultura, tendo frequentemente tido pais que cultivam hábitos considerados cultos (da simples leituras à frequência a teatros e museus), desenvolvem uma *relação com a cultura* que é muito diferente daquela estabelecida por crianças de classes mais baixas, que costumam ter um distanciamento muito maior em relação às práticas culturais (BOURDIEU & PASSERON, 2014, p. 34).

Como a instituição escolar ensina (e cobra) um conteúdo que é *formalmente* igual, os alunos melhor posicionados conseguem uma melhor apropriação do que é ensinado, dada sua *familiarização* com aquele conteúdo (BOURDIEU & PASSERON, 2013, pp. 65-66). Estes mesmos alunos estão mais familiarizados também à correta *maneira de aquisição da cultura* que é requerida pelo sistema escolar – se esforçam e dedicam com maior intensidade e demonstram toda uma facilidade que, se não pensada criticamente, pode ser atribuída a características naturais, segundo uma *lógica do dom* (BONNEWITZ, 2003, 116-117).

Assim, a avaliação, instrumento supostamente neutro e objetivo, acaba exercendo uma função de naturalização das diferenças de capacidade; como seus resultados são obtidos através de uma avaliação que é igual para todos, supostamente as diferenças em resultados individuais são devidas única e exclusivamente a características individuais. O efeito de familiarização, que beneficia sempre aqueles mais predispostos à cultura legítima, é então dissimulado sob a aparência de diferenças unicamente individuais, o que *naturaliza as diferenças sociais* sob a ilusão do *mérito* individual e, assim, o ranking nas notas escolares se torna o ranking do mérito pessoal dos alunos. Dessa forma, a escola promove a promoção dos eleitos e a rejeição dos excluídos, ou seja, permite aqueles que já dispunham de um maior capital cultural herdado que tenham acesso a melhores posições sociais, a posições mais rentáveis, enquanto os despossuídos são relegados a posições de pouco retorno, de forma que continuam despossuídos.

A relação entre teoria e método

Alguns trabalhos publicados nas últimas décadas no Brasil acerca do sistema de ensino nos permite concluir que a teoria da escola como espaço de reprodução das desigualdades sociais, conforme apresentada por Bourdieu e Passeron, é hoje largamente tomada por referência. O potencial heurístico dessa teoria permite explicar desde as diferenças diversas entre os agentes nos diversos níveis de educação até as chances de sucesso escolar (ou, inversamente, as chances de evasão). Em relação ao Ensino Superior, especificamente, a teoria possibilita compreender desde os fatores que levam a escolha de determinado curso superior, passando pela questão da seleção (pelo Vestibular) e até a discussão sobre o desempenho diferencial dos alunos. Dado que o contexto da educação superior brasileira nas últimas décadas foram marcados por diversas transformações, é compreensível que a teoria sociológica bourdieusiana encontre tamanha receptividade.

Mas podemos detectar algumas limitações nestes diversos trabalhos – limites que dizem respeito, em geral, a uma não correspondência entre a teoria e os métodos utilizados para a pesquisa. Discutiremos a seguir três destes limites.

1 – A análise não é diacrônica: em sua maioria, as pesquisas visam captar um determinado momento ou situação, e ignoram que, qualquer que seja o momento escolhido para análise, ele é apenas uma etapa de um longo processo. Muitos trabalhos procuram comparar o desempenho de grupos diferentes de alunos (separados por classe ou outro critério) em um dado momento, ou avaliar as condições desiguais de acesso ao Ensino Superior, ou ainda comparar a evasão de grupos sociais diferentes.

Esses estudos ignoram que as diferentes etapas do sistema de ensino apresentam diferentes estruturas de relações entre as classes. Esta estrutura de relações se transforma a medida em que se progride no sistema de ensino, de forma que uma determinada relação entre as classes num dado momento, como a concorrência por vagas no Ensino Superior, não represente a relação entre as classes em outro momento qualquer, como a conclusão do curso superior.

Assim, qualquer estudo sobre as desigualdades no acesso ao Ensino Superior peca por não considerar também as condições desiguais de permanência neste nível de ensino, e qualquer pesquisa sobre o Ensino Superior que perca de

vista as desigualdades em níveis de ensino anteriores incorrerá no mesmo tipo de erro. Nas palavras dos autores,

É preciso (...) abster-se de considerar a origem social, com a primeira educação e a primeira experiência que lhe são solidárias, como um fator capaz de determinar diretamente as práticas, as atitudes e as opiniões em todos os momentos de uma biografia, já que as coerções ligadas à origem de classe só se exercem através de sistemas particulares de fatos em que se atualizam segundo uma estrutura cada vez diferente. Assim, quando se autonomiza um certo estado da estrutura (isto é, uma certa constelação de fatores que agem num certo momento sobre as práticas), dissociando-o do sistema completo de suas transformações (...), isso impede que se descubra no princípio de todas essas retraduições e reestruturações as características que se prendem a origem e a dependência de classe. (BOURDIEU & PASSERON, 2013, pp. 116)

2 – A análise procura isolar fatores: boa parte das pesquisas buscam encontrar, dentre uma série de variáveis, quais dentre elas apresentam maior influência sobre o objeto de estudo – procuram concluir, por exemplo, se a posse de um grande volume de capital econômico é mais ou menos importante que a herança de um grande capital cultural para determinar o desempenho escolar dos alunos, ou se a profissão dos pais é mais importante que o turno em que o candidato a vestibular cursou o ensino médio para determinar a probabilidade de sua aprovação.

Essa tentativa de isolar fatores ignora que existem relações entre eles. Sobre a importância da compreensão das relações entre fatores, Bourdieu diz:

A classe social não é definida por uma propriedade (...), nem por uma soma de propriedades (...), tampouco por uma cadeia de propriedades, todas elas ordenadas a partir de uma propriedade fundamental (...), em uma relação de causa a efeito, de condicionante a condicionado, mas pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas. (BOURDIEU, 2011, p. 101)

3 – A análise não é relacional: muitas pesquisas não adotam um ponto de vista que permita estudar as relações que os conjuntos observados mantêm com os demais conjuntos – por exemplo, comparando o desempenho dos cotistas e não-

cotistas aprovados no processo seletivo, sem avaliar a relação destes desempenhos com os daqueles não aprovados, ou avaliando as características dos selecionados pelo vestibular sem compará-las aos não selecionados.

Bourdieu se refere a este tipo de barreira à análise propriamente científica da realidade social quando, se referindo à análise de instituições de ensino superior, afirma que

Se é verdade que o real é relacional, pode acontecer que eu nada saiba de uma instituição da qual eu julgo saber tudo, por que ela nada é fora das suas relações com o todo. (BOURDIEU, 2006, p. 31).

Considerações finais

A teoria desenvolvida por Bourdieu e Passeron para a compreensão do sistema de ensino requer que as análises sejam diacrônicas, relacionais e considerem as variáveis em relação entre si. Apesar disso, a maior parte dos trabalhos brasileiros sobre o assunto ignoram uma ou mais destas considerações. Como resultado, muitas destas pesquisas chegam a conclusões equivocadas, muitas vezes em conflito com o próprio referencial teórico. Fica assim evidente a necessidade, no campo da sociologia da educação, de uma proposta metodológica que supere as limitações comuns às pesquisas neste campo.

Referências

- BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. 2ª ed. rev., Porto Alegre: Zouk, 2011.
- _____. **O Poder Simbólico**. 9ª Ed, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 6ª Ed., Petrópolis: Vozes, 2013.
- _____. **Os Herdeiros**: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.
- ORTIZ, Renato. A procura de uma sociologia da prática. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. 2ª Ed., São Paulo: Ática, 1994, pp. 7-29